ENSAIO

Separar o Joio do Trigo

Sobre discernimento, liberdade e a arte de pensar

Renato Gonçalves da Silva

A liberdade não é fazer o que se quer, mas querer o que se faz com consciência.
— Jean-Paul Sartre

Quem pensa pouco, erra muito.
— Leonardo da Vinci

Há uma parábola antiga que atravessa milênios sem envelhecer. Um agricultor semeia trigo em sua terra. Durante a noite, mãos estranhas lançam joio entre as sementes boas. Ao amanhecer, a lavoura revela sua ambiguidade: o bom e o nocivo crescem juntos, lado a lado, indistinguíveis aos olhos apressados. O agricultor, sábio, não ordena a separação imediata — pois arrancando o joio, poderia destruir o trigo. Ele aguarda. Ele discerne. Ele escolhe o momento certo.

Nunca essa parábola foi tão urgente quanto hoje. Vivemos a era do excesso — de informação, de escolhas, de narrativas construídas por algoritmos e inteligências artificiais que, sem alma e sem consciência, nos oferecem o mundo mastigado, pré-digerido, filtrado pelos interesses de quem paga mais. O joio cresceu. E cresceu tanto que muitos já não sabem distinguir o que nutre do que envenena.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman nos legou um conceito que ressoa como profecia: a modernidade líquida. Em sua obra magistral, Bauman descreveu uma sociedade na qual as estruturas sólidas — a família, a identidade, o trabalho, os valores morais — foram gradualmente derretidas pelo calor do consumo imediatista e da velocidade digital. O que resta é fluidez sem forma, movimento sem direção, liberdade sem responsabilidade.

Nesse mundo líquido, separar o joio do trigo tornou-se um exercício heroico. As grandes corporações entenderam antes de todos que um ser humano sem âncoras é um consumidor perfeito. Desorientado, ansioso, carente de pertencimento, ele aceita qualquer narrativa que lhe ofereça identidade instantânea. Compra não apenas produtos — compra opiniões, tribos, certezas fabricadas. E, ao fazê-lo, abre mão da única coisa que o tornaria livre: o pensamento próprio.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em A Sociedade do Cansaço, diagnosticou com precisão cirúrgica a ferida que nos aflige: vivemos sob a tirania do poder do sim. Diferente das sociedades disciplinares descritas por Foucault — onde o poder dizia não, proibindo e

reprimindo —, a sociedade do desempenho diz sim a tudo. Sim ao trabalho ilimitado. Sim à conectividade permanente. Sim à exposição constante. E esse excesso de positividade não liberta: ele esgota.

O sujeito esgotado não discerne. O sujeito esgotado não separa o joio do trigo — ele engole o campo inteiro. Han afirma que a transparência forçada das redes sociais, a velocidade das informações e a abolição do silêncio interior criaram uma humanidade profundamente incapaz de contemplação. Sem contemplação, não há sabedoria. Sem sabedoria, somos conduzidos como gado — mansamente, alegremente, rumo ao abatedouro do consenso fabricado.

O linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky, ao lado de Edward Herman, cunhou a expressão que talvez seja a mais assustadora de nossa era: manufacturing consent — a manufatura do consentimento. Em sua análise das grandes mídias e corporações, Chomsky demonstrou, com rigor empírico, que aquilo que chamamos de opinião pública é, em sua maior parte, uma construção deliberada de quem detém o poder econômico e comunicacional.

Hoje, essa manufatura atingiu seu ápice. Os algoritmos das redes sociais não apenas refletem nossas preferências — eles as constroem. Funcionam como espelhos deformados que, ao mostrar apenas o que nos agrada, nos aprisionam em câmaras de eco onde toda voz diferente parece ameaçadora e toda divergência parece agressão. O resultado é uma humanidade uniformizada na diversidade aparente: pessoas visualmente distintas, culturalmente diversas — mas todas pensando pelo mesmo script, reagindo pelos mesmos gatilhos, consumindo os mesmos medos. É isso o que o senso popular sempre soube expressar com a sabedoria dos séculos: nem tudo que reluz é ouro. O brilho que nos seduz hoje não vem da verdade — vem do investimento publicitário, do engajamento algorítmico, da repetição exaustiva que o cérebro humano, por sua neurologia, tende a confundir com familiaridade e, portanto, com verdade.

Hannah Arendt nos deu uma das mais perturbadoras contribuições filosóficas do século XX: a banalidade do mal. Ao observar o julgamento de Adolf Eichmann — um burocrata que organizou o Holocausto sem ódio aparente, sem ideologia visível, apenas cumprindo ordens, executando funções —, Arendt concluiu algo que ainda hoje nos aterra: o mal mais profundo não nasce do demônio, mas da ausência de pensamento. Quando observamos pessoas distintas, inteligentes, cultas — agindo como robôs gêmeos, repetindo slogans, compartilhando sem ler, reagindo sem refletir —, estamos diante da forma contemporânea dessa banalidade. O mal não precisa ser espetacular. Ele pode ser banal, cotidiano, digital. Pode ter o rosto de um like, de um compartilhamento irrefletido, de uma escolha que se alinha ao algoritmo em vez de se alinhar à consciência.

O pensador francês Edgar Morin dedicou décadas a compreender o que ele chamou de pensamento complexo. Para Morin, o grande drama da modernidade é a hiperespecialização: sabemos cada vez mais sobre cada vez menos. Tornamo-nos competentes em fragmentos e

incapazes de visão de conjunto. E quem não enxerga o conjunto, não enxerga as armadilhas. Morin nos exorta a religar os saberes — a recuperar a capacidade de síntese, de conexão, de enxergar o trigo e o joio não como categorias absolutas, mas como realidades em relação. O discernimento não é uma habilidade binária. É uma prática de vida, cultivada no silêncio, na leitura, no diálogo honesto, na dúvida fértil. Ela não combina com pressa. Não sobrevive ao barulho constante. Ela exige, acima de tudo, a coragem de parar — e pensar.

Em nome do sucesso a qualquer custo e do lucro fácil, erigimos uma civilização que vendeu sua alma. Ética, moral e honestidade foram reduzidas a obstáculos de rentabilidade, a custos operacionais a serem eliminados. Grandes corporações movem bilhões para moldar leis, financiar candidatos, capturar reguladores — e nos convencem, com a mesma eficiência, de que isso é natural, inevitável, até desejável. Mas há uma resistência possível. E ela começa — sempre — pelo indivíduo que resolve pensar antes de agir.

O filósofo alemão Immanuel Kant, há mais de dois séculos, já havia formulado o imperativo que nos guia: age apenas segundo a máxima pela qual possas querer, ao mesmo tempo, que ela se torne uma lei universal. Uma simples pergunta antes de cada escolha: se todos fizessem isso, o mundo seria melhor ou pior? Essa pergunta incômoda, essa pausa mínima de consciência, é o ato de separar o joio do trigo. Na vida pessoal — nas relações que construímos, nas amizades que cultivamos, nas lealdades que honramos —, o discernimento ético é a diferença entre uma vida plena e uma existência desperdiçada em aparências. Nem todo sorriso é amizade. Nem toda ajuda é generosidade. Nem toda proximidade é amor. O joio tem a habilidade milenar de imitar o trigo. Só a atenção paciente, a observação honesta, o julgamento sereno revelam a diferença.

Vivemos em um tempo que nos rouba o tempo de pensar. Essa não é uma coincidência — é uma estratégia. Porque o homem que pensa é o homem que resiste. O homem que resiste é o homem que não consome o que lhe é vendido sem critério. E o homem que não consome sem critério é uma ameaça ao modelo.

Por isso, a recuperação do pensamento próprio é, hoje, um ato político, um ato moral, um ato espiritual. É a recusa de ser robô gêmeo. É a afirmação, digna e corajosa, de que somos mais do que nosso feed, mais do que nosso engajamento, mais do que o perfil que o algoritmo construiu para nós.

A informação é ouro — isso é verdade. Mas o ouro em excesso também afoga. O que nos salva não é a quantidade de dados que consumimos, mas a qualidade da reflexão que exercemos sobre eles. É a pergunta que fazemos antes de compartilhar. É o silêncio que antecede a fala. É a humildade de dizer não sei antes de afirmar. É a honestidade de reconhecer quando fomos enganados — inclusive por nós mesmos.

Separar o joio do trigo não é um ato de desconfiança doentia. É um ato de amor pela verdade. É o gesto mais humano que existe: olhar para o mundo com os olhos abertos, a mente livre e o coração firme — e escolher, deliberadamente, o que merece espaço em nossa vida, em nosso tempo, em nossa alma. O joio sempre existirá. A questão não é extirpá-lo do mundo — tarefa impossível e arrogante. A questão é não deixar que ele ocupe o lugar do trigo dentro de nós.

E para isso, há um único instrumento que nenhuma inteligência artificial pode replicar, nenhum algoritmo pode substituir, nenhuma corporação pode comprar:

A consciência desperta.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva



© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.